

O CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NO ARTIGO DA ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA (1927) DE EDMUND HUSSERL¹

The concept of phenomenological psychology in Edmund Husserl's Encyclopaedia Britannica Article (1927)

Roberty Vieira Santos Filho²

Orientação: Prof. Dr. Sandro Márcio Moura de Sena³

RESUMO

Visamos, neste artigo, situar a psicologia fenomenológica como descrita no *Artigo da Enciclopédia Britânica* (1927), em contraste com a psicologia científico-natural e a fenomenologia transcendental. Para isso, elucidamos os pontos de confronto que Husserl estipula contra a tendência de naturalizar a consciência e, em contrapartida, de estabelecer a investigação fenomenológica transcendental como ulterior à psicológica fenomenológica. No primeiro momento, tratamos de situar o paradigma psicológico em que Husserl está envolvido e visa confrontar. No segundo, examinaremos o objeto próprio da psicologia fenomenológica, as vivências do puramente anímico, que permite ao investigador situar-se numa etapa precedente ao exame psicológico científico-natural e delimitar a fronteira que separa a psicologia fenomenológica, enquanto ontologia regional, da fenomenologia transcendental. Por fim, mostramos que o método próprio da psicologia fenomenológica sublinha os pontos levantados, a saber: que a descrição de essências das vivências, de modo *a priori*, estabelece esta como uma etapa prévia à psicologia científico-natural ao mesmo tempo que se eleva ao papel de propedêutica à fenomenologia transcendental.

Palavras-chave: Husserl; fenomenologia-transcendental; psicologia-fenomenológica; psicologismo; naturalismo.

ABSTRACT

We aim, in this article, to position phenomenological psychology, as described in the Encyclopaedia Britannica Article (1927), in contrast with scientific-natural psychology and transcendental phenomenology. To this end, we elucidate the points of confrontation that Husserl stipulates against the tendency to naturalize consciousness and, conversely, to establish transcendental-phenomenological investigation as subsequent to phenomenological-psychological investigation. In the first part, we address the paradigm that Husserl is engaged with and seeks to confront. In the second, we examine the specific object of phenomenological psychology—the lived experiences of the purely psychic—which allows the researcher to situate themselves

1 Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Thiago André Moura de Aquino, na seguinte data: 17 de fevereiro de 2025.

2 Graduando em Filosofia na UFPE.

3 Professor do Curso de Filosofia da UFPE.

at a stage preceding scientific-natural psychological examination and to delineate the boundary that separates phenomenological psychology, as a regional ontology, from transcendental phenomenology. Finally, we demonstrate that the distinctive method of phenomenological psychology underscores the key points raised, namely: that the description of the essences of lived experiences, in an a priori manner, establishes this as a preliminary stage to scientific-natural psychology while also elevating it to the role of a propaedeutic to transcendental phenomenology.

Keywords: Husserl; transcendental phenomenology; phenomenological psychology; psychologism; naturalism.

1 INTRODUÇÃO

É tendo em vista que a fenomenologia surge nas *Investigações Lógicas* como uma psicologia descritiva (Cf. PORTA, 2013, p.59), e que a própria concepção de “psicologia fenomenológica” é modificada – ainda que tacitamente – por Husserl ao longo do seu percurso filosófico, que o nosso objetivo consiste em explicitar o conceito de psicologia fenomenológica exposto no *Artigo da Enciclopédia Britânica* (1927).

O *Artigo* apresenta-se como um dos principais textos de “introdução” à fenomenologia transcendental em seu estágio derradeiro. Situado no ponto de transição para o assim chamado “Husserl tardio”, o texto apresenta teses que serão desenvolvidas plenamente em *A Crise Das Ciências Europeias* (1936) a partir do contraste entre psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental. O elo unificador entre as obras, que pretendemos explorar, é que, para estabelecer um caminho de acesso à fenomenologia transcendental, tanto no *Artigo* quanto em *Crise*, Husserl aposta na *via da psicologia fenomenológica*.

Esta psicologia apresenta-se, de imediato, como possuindo um caráter polivalente. Seu campo de pesquisa é revelado enquanto a descrição de essências das vivências do puramente anímico a partir de uma investigação *a priori*.⁴

Por conseguinte, a psicologia fenomenológica situa-se como base conceitual para demandas científicas que disponham do mesmo objeto, tornando-se a investigação precedente – e clarificadora – da análise psicológica científico-natural; além de estabelecer-se como o meio de superar definitivamente o psicologismo e ocupar o posto de propedêutica à fenomenologia transcendental.

Tendo em vista uma melhor exposição desses pontos, visamos compreender tanto o objeto quanto o método da psicologia fenomenológica em relação à psicologia científico-natural e à própria fenomenologia transcendental.

As questões que norteiam nossas respostas podem ser lidas como: o que o termo “psicologia fenomenológica” deve designar enquanto uma ciência autônoma e quais são suas relações com as outras ciências da psiquê? O que realmente muda com o incremento, à psicologia, da problemática “fenomenológica”, ou seja, como esta

4 Essa caracterização pode ser encontrada no 2 esboço do *Artigo*: "A pesquisa científica do psíquico puro, a psicologia pura, é capaz de se efetivar apenas enquanto eidética-redutiva, enquanto fenomenológica. A psicologia fenomenológica é descritiva. Isso quer dizer: no método da variação, as estruturas de essência do psíquico serão extraídas dele direta e intuitivamente. [...] Ainda que o nexos psicofísico enquanto tal possua seu *a priori* próprio, que ainda não está determinado pelos puros conceitos psicológicos fundamentais, o *a priori* psicofísico necessita, porém, de uma orientação fundamental pelo *a priori* do psíquico puro." (HUSSERL, 2022, p.47-49).

ontologia regional tem seu método transformado e que tipo de diálogo estabelece com a fenomenologia transcendental?

Sabemos que após a virada – definitivamente – transcendental da fenomenologia em 1913, com a publicação de *Ideias I*, a psicologia deixa de ser uma ciência meramente eidética para tornar-se, daí em diante, pura e fenomenológica.⁵ Importa-nos ressaltar que, em meados da década de 1920, com a “descoberta” da redução psicológica, Husserl perceberá que a psicologia, ao se dissociar das investigações relativas ao psicofísico — isto é, das análises decorrentes da atitude natural, na qual o sujeito é concebido pelas ciências naturais como regido por relações meramente causais — pode, ainda que parcialmente, mediante o incremento do método fenomenológico, ser a ciência responsável pela descrição de essências das vivências, num método *a priori*, da psiquê. E isto confere um caráter duplo à psicologia fenomenológica: 1) como sendo o método responsável pela edificação de uma psicologia científica; e, 2) encaminhar o investigador de essências do puramente anímico para a problemática filosófica ulterior.

Portanto, não se tratará aqui de evidenciar o percurso da fenomenologia desde seu surgimento, senão de mostrar que, a partir do ponto que analisamos, do *Artigo da Enciclopédia Britânica* (1927), e de diálogos pontuais com outras obras husserlianas que versam sobre o tema, que a psicologia fenomenológica se encaminha como a etapa precedente da psicologia científica ao mesmo tempo que passa a ser lida como uma propedêutica à fenomenologia transcendental.

Para sustentar o último ponto, teremos de tratar com mais afinco daquilo que Husserl compreende pelo termo “psicologia fenomenológica” em contraste com a fenomenologia transcendental do mesmo período; a partir dessa análise, pretendemos ressaltar as confluências e divergências entre ambas as disciplinas, a tal ponto que se revele o rico “caminho” rumo à fenomenologia transcendental que a psicologia possui, apesar de suas limitações.

A importância da psicologia fenomenológica é vista, de forma decisiva, no Husserl tardio, onde as temáticas da cultura e intersubjetividade aparecem fundadas no mundo-da-vida (*Lebenswelt*), e a via psicológica surge renovada a tal ponto que Husserl empenhará esforços na sua elucidação, sendo a terceira seção de *Crise* dedicada a esse ponto.

Sabemos que o interesse de Husserl pela psicologia não é fortuito. O contexto intelectual das “vias” rumo à fenomenologia transcendental pede um aprofundamento na problemática psicológica em detrimento, por exemplo, da via cartesiana⁶.

A questão do mundo-da-vida impõe, por si mesma, elementos que a psicologia pode aprofundar com maestria: intersubjetividade, cultura e história. Como acentuado por Natalie Depraz “a redução [psicológica] é imediatamente apresentada como intersubjetiva, ou seja, firmada nos outros e em sua inscrição no mundo.” E continua:

5 Sobre a evolução do pensamento de Husserl acerca da psicologia e fenomenologia, Mário Porta, em *Edmund Husserl: Psicologismo, Psicologia e Fenomenologia* (2013), aponta para seis momentos desse entrelaço, sendo eles: I. Psicologia Descritiva (1900); II. Psicologia Eidética (1903); III. Psicologia Eidética e/ou Pura I (1906); IV. Psicologia Pura II (1917-1923); V. Psicologia Pura III ou Psicologia Fenomenológica (1927); VI. Husserl mantém o termo “psicologia fenomenológica”, sendo o conceito atualizado em 1936.

6 Iso Kern aponta para três vias de acesso ao método fenomenológico transcendental: 1) a via cartesiana; 2) a via psicológica; e, 3) a via ontológica. Na comparação entre as duas primeiras, Kern sustenta que a via psicológica demonstra ser mais “profunda e rica que ela [a cartesiana].” (KERN, 1997, p.259)

“é pelo [pleno] desenvolvimento da psicologia, entrando em contraste com a filosofia fenomenológica que Husserl alcança a etapa do mundo do Ego transcendental e se mantém interessado: ‘demasiado tardiamente pela história e sociedade’” (DEPRAZ, 2022, p.52-53).

Situamo-nos, então, no íterim da passagem da psicologia como psicologia fenomenológica, para a compreensão desta ontologia regional como etapa precedente da investigação psicológica-científica, ao mesmo tempo que é dotada de ser uma das propedêuticas possíveis rumo à fenomenologia transcendental.

2 PARADIGMAS E CONFRONTOS

Pelo termo “psicologia” aqui analisado, nos afastaremos do significado hodierno⁷. Para os nossos fins, “psicologia” deve ser tomada como o campo de investigação da vida anímica, das vivências do sujeito.

Por conseguinte, a fenomenologia se alinha, desde o seu surgimento, ao paradigma moderno de centralizar sua investigação na consciência reflexiva do sujeito; busca-se, assim, preservar as vivências “imanescentes”, dadas de forma apodítica à consciência, conforme preconizou Descartes. (Cf. HUSSERL, 2024, p.29).

A sentença de Husserl, de que a fenomenologia pode ser vista como um *neocartesianismo*⁸, implica o entrelaçamento metodológico oriundo da tradição moderna que tratou justamente de fazer do estudo psicológico uma “ciência do sujeito pensante” (CANGUILHEM, 1958, p.4).

Salientamos, desde logo, que o método fenomenológico transcendental, quando incorporado à psicologia, estabelece uma delimitação e renovação na investigação, ao remover dela os traços vinculados ao “fiscalismo”. Urge-se, então, como se vê já no *Artigo*, de compreender a investigação psicológica fenomenológica enquanto restrita à descrição de essências das vivências, num método *a priori*, do puramente anímico. Esta definição tem em vista que a psicologia fenomenológica surge – e permanece até o fim – como uma adversária da psicologia científico-natural de meados do século XIX, e do que se convencionou chamar de “psicologismo”, tão combatido nas *Investigações Lógicas* (1900-1901).

Um ponto válido de destaque é que, na ótica de Husserl, os filósofos que trataram de investigar a validade ontológica do mundo partindo do “eu” psicológico acabaram por incorrer numa espécie de psicologismo. É justamente por isso que Husserl situa Locke como o primeiro psicologista: porque ele, como tantos outros, ignorou a questão realmente transcendental, posterior à psicológica⁹. Este é o grande

7 Embora reconheçamos que a interdisciplinaridade seja de extrema importância e que o interesse de psicólogos contemporâneos sobre a fenomenologia, em especial a husserliana, já está em vigor no Brasil. Cf. Tommy Goto (2008) e José Olinda (2023).

8 Husserl trata, logo em seguida, de estabelecer uma crítica ao cartesianismo: “Assim, quase se poderia denominar a fenomenologia como um *neocartesianismo*, por mais que ela tenha de rejeitar quase no seu todo – precisamente por causa do desenvolvimento radical dos motivos cartesianos – o bem conhecido teor doutrinário da filosofia cartesiana.” (HUSSERL, 2024, p.67).

9 Sobre essa questão, Husserl diz que: “Locke, sem ter podido perceber as profundezas abertas pelas primeiras *Meditações*, e tampouco a posição radicalmente inédita que através delas ganhamos em relação ao mundo e à alma, considera desde o início o ego puro como alma pura, como *human mind* cuja investigação sistemática e concreta a partir da evidência da experiência interna deve ser, segundo ele, o meio de resolução das questões relativas ao intelecto e à razão. Por mais que seu incontestável mérito tenha sido o de ter colocado

diferencial da fenomenologia em relação à maioria de seus predecessores: a descoberta do *Ego* transcendental em sua ruptura com o “eu” psicológico evitará contrassenso psicologistas.

É também nesse combate ao psicologismo que se situa a concepção de psicologia que visa tratar do psíquico tal qual outro fato do mundo que poderia ser investigado conforme os ditames das ciências da natureza¹⁰. Dito de outro modo: a psicologia qual Husserl também firmou o diálogo em sua época aspirava uma cientificidade artificial, e limitou as vivências psíquicas de um sujeito dotado de mente-corpo – psicofísico – às concepções naturalistas e fisiológicas; essas vivências, por sua vez, se reduziram às explicações causais oriundas da *práxis* das ciências positivas. Logo, a fenomenologia tem como papel crucial, enquanto filosofia transcendental, fundamental, num método *a priori*, uma investigação própria que dê conta das vivências da psiquê em sua pureza.

É a partir desse confronto que Husserl recusa o paradigma científico-naturalista e interpõe uma investigação que prima pela subjetividade – sem isso abdicar do “objetivismo” que requer o fazer científico; tampouco flerta com o “historicismo” preconizado por Dilthey que, segundo Husserl, geraria o contrassenso ao atribuir existência individual a fenômenos singulares, pois, a psicologia fenomenológica, ao lidar com essências, consegue fixar conceitos de tal modo que “não se fez evidente de modo satisfatório em Dilthey” (BRAGA, 2024, p.206). Sobre a importância do caráter eidético ao qual a psicologia deve aderir, de modo a situar-se no ideal científico que exige rigor, Husserl caracteriza desta forma:

[...] Resulta-se, evidente para toda pessoa desprovida de preconceitos, que as 'essências' captadas na intuição de essências podem ser fixadas em conceitos fixos, ao menos em grande parte, e, por conseguinte, criam a possibilidade de enunciados firmes, objetivos à sua maneira e absolutamente válidos. (HUSSERL, 2014, p.72)¹¹

Já em *A Filosofia Como Ciência de Rigor* (1911), Husserl é enfático ao caracterizar o objeto da psicologia científico-natural enquanto aquele que “se ocupa da ‘consciência empírica’, da consciência na atitude da experiência, como existente na ordem da natureza”, e contrasta que “entretanto, a fenomenologia se ocupa da consciência ‘pura’, quer dizer, da consciência na atitude fenomenológica.” (HUSSERL, 2014, p.57).

Porém, ao situar o nexos existente entre psicologia e fenomenologia, *i.e.*, ambas as “ciências” tratando de fenômenos da consciência, Husserl ressalta que a naturalização do psiquismo pela corrente científica da psicologia reduz a correlação dos fenômenos *Ego*-mundo a explicações naturalistas que, como já discutido nos

concretamente essa questão na unidade de um horizonte sistemático teórico-científico e em referência ao solo originário da experiência interna, seu sentido transcendental legítimo foi perdido em função da concepção desta experiência como sendo interna e psicológica. Desta forma, Locke se tornou o fundador do psicologismo, isto é, de uma ciência da razão ou, como podemos dizer também de modo mais geral, de uma filosofia transcendental sobre o fundamento de uma psicologia da experiência interna” (HUSSERL, 2022, p.147).

10 Destacamos que a psicologia confrontada por Husserl não se restringe à tradição naturalista. Ela inclui toda abordagem que adote o padrão de cientificidade das ciências empíricas como critério metodológico na sua investigação.

11 Todas as citações referentes a obra *La filosofía como ciencia estricta* são traduções nossas.

Prolegômenos à lógica Pura (1900), gerariam relativismo e, por consequência, contrassensos.

Não obstante a insistência em separar o objeto da psicologia naturalista – que se caracteriza pelo recurso metodológico das ciências da natureza aplicado ao psicofísico – em relação ao da fenomenologia, Husserl destaca que “a psicologia deve alçar-se, por razões essenciais, para mais perto da filosofia – a saber, através da fenomenologia – cujo destino há de permanecer intimamente ligado a ela” (HUSSERL, 2014, p.57). Com isso, Husserl sinaliza que uma eventual reforma da psicologia de seu tempo, caso esta queira escapar dos contrassensos mais diversos, requer o contato com uma ciência da subjetividade que lide com as essências das vivências psíquicas de modo *a priori*, que apenas a fenomenologia transcendental é capaz de proporcionar.

A separação drástica, podemos dizer, entre psicologia como ciência empírica, *a posteriori*, e a fenomenologia, no íterim da sua virada transcendental, ressalta a oposição que Husserl tem de operar entre o tratamento dos fenômenos da consciência operado pela psicologia – psicofísica – que se apoiava em explicações naturalistas para o psiquismo, e o método fenomenológico de descrição dos fenômenos em sua pureza; este operando num grau mais elevado de doação (*Gegebenheit*) de sentido: o da constituição da *validade* de ser mediante a doação evidente, em carne e osso (*Leibhaftigkeit*), do fenômeno à consciência.

Essa concepção de uma reforma fenomenológica da psicologia se dá pelo fato de Husserl identificar no método da psicologia científico-natural a negação de essências; torna-se preciso, então, que uma ciência verdadeiramente eidética fundamente as ciências naturais – contra um determinado empirismo científico – e garanta o seu progresso. Sendo a psicologia uma ciência positiva que opera na atitude natural, a fenomenologia tem por meta explicitar o seu campo de trabalho prévio ao fazer científico-natural.

Sobre a fundamentação das ciências pela fenomenologia transcendental, Husserl deixa claro, já em *Ideias I*, que “[...] o que se diz aqui envolve justamente a fenomenologia, que constitui o fundamento eidético essencial da psicologia e das ciências do espírito” (HUSSERL, 2006, p.60). Tal fundamentação das ciências só poderá ser efetuada por uma ciência autenticamente transcendental e livre de preconceitos, pois esta retira suas conclusões consoante à evidência da doação de sentido da “coisa” à consciência; ou seja, a fenomenologia opera pelas “intuições originariamente doadoras [de sentido]”, que “prescreve o sentido desses juízos [sobre as coisas], ou melhor, a essência própria dos objetos e do estado de coisas submetidos ao juízo” (HUSSERL, 2006, p.62).

Embora a própria concepção de “psicologia” que Husserl confronta ao longo do tempo se altere em sentido estrito, um dos principais pontos de confronto – de certo modo permanente – contra a psicologia científico-naturalista é a recusa da *reificação* do psiquismo.

Husserl aponta que, antes da análise dos comportamentos subjetivos e intersubjetivos submetidos às leis de causa e efeito, tal qual ocorre nas ciências naturais, entre psiquismo e fisicalismo humano, é necessário um método rigoroso de descrição das vivências da psiquê de modo *a priori*:

[...] Seguir o modelo da ciência da natureza implica inevitavelmente *coisificar* a consciência, pois, desde o princípio, nos leva a um absurdo, onde surge

sempre de novo uma propensão a embutir absurdos do problema e direções erradas de investigação. [...] Só o mundo espaço-temporal dos corpos é naturalizado no sentido estrito da palavra. Toda outra existência individual, o psíquico, é uma segunda naturalização em um sentido, o que determina diferenças fundamentais entre o método das ciências da natureza e o método psicológico. (HUSSERL, 2014, p.66, grifo nosso).

Nesse contexto surge, então, a fenomenologia enquanto responsável por fundamentar as ciências que, separadas do paradigma psicológico científico-natural que visa tratar do psiquismo em sua relação psicofísica, como mais uma “coisa” dada no mundo, *i.e.*, como mais um objeto sujeito às relações causais a ser investigado em paralelo com os objetos da física, busca investigar a subjetividade transcendental enquanto constituindo validade de ser mediante a correlação *Ego*-mundo.

Portanto, a fenomenologia transcendental, como a ciência do estudo transcendental e *a priori*, não apenas recusará o tratamento científico-natural, como procurará superá-lo e fundamentá-lo ao fornecer uma base de investigação prévia referente às vivências psíquicas sem abdicar de resultados rigorosos.

Entretanto, a própria fenomenologia, enquanto filosofia primeira que busca fundamentar as ciências, necessita de “vias” de acesso que a tornem mais “palatável” em relação à novidade e subversão absoluta do seu método.

Tendo isso em vista, Husserl percebe que seu empenho em “introduzir” o leitor à fenomenologia transcendental terá êxito mais facilmente caso a psicologia mesma passe por uma reforma conceitual e adquira o caráter fenomenológico; assim, a psicologia fenomenológica tornar-se-á, *também*, propedêutica à fenomenologia transcendental.

Este é o cenário do *Artigo da Enciclopédia Britânica*. Agora, Husserl não tratará mais da psicologia como sendo *apenas* mais uma ciência puramente eidética. O tratamento deve versar no seu estabelecimento como a ciência do puramente anímico, e para isso a problemática intencional tem de ganhar ênfase enquanto objeto e método da investigação.

Esse intento levará a psicologia fenomenológica a se estabelecer, além do posto de ciência dos fenômenos anímicos em sua pureza, como a etapa precedente para a fundamentação de uma psicologia científica que almeje resultados rigorosos e, também, como uma das vias de acesso rumo à fenomenologia transcendental e suas análises constitutivas ulteriores.

Cabe-nos, agora, explicitar o objeto e o método da psicologia fenomenológica presente no *Artigo*, de acordo com o campo de investigação próprio desta ontologia regional. A partir disso, diferir-se-á a psicologia fenomenológica não apenas da psicologia científico-natural, mas também da própria fenomenologia transcendental.

3 A DELIMITAÇÃO DA PROBLEMÁTICA PSICOLÓGICA FENOMENOLÓGICA

Diferindo da abordagem científico-natural do psíquico, a fenomenologia transcendental busca, ao suspender a validade de ser decorrente da correlação *Ego*-

mundo tal como compreendida na atitude natural¹², alcançar a descrição de essências das vivências da consciência em sua síntese unitária dada no tempo que “não se mede com nenhum cronômetro” (HUSSERL, 2014, p.69). Logo, a fundamentação teórica do método psicológico, trilhada pela fenomenologia transcendental, deve demonstrar que há um passo anterior ao método psicológico científico-natural que visa uma objetividade da psiquê; e, apesar disto, após a clarificação psicológica-fenomenológica, Husserl deixa claro que a psicologia científica “naturalmente também tem os seus direitos” (HUSSERL, 2014, p.70).

Logo, as vivências do “eu” psicológico-fenomenológico diferem daquelas pertencentes, como objeto de pesquisa, à psicologia naturalista; pois, a psicologia fenomenológica deve tratar do puramente anímico prescrevendo sua investigação mediante uma intuição de essências (*Wesensschau*), abdicando do empirismo e correlativismo próprios das ciências positivas.

Devido à delimitação inerente do objeto da psicologia fenomenológica, presa aos resquícios da orientação natural, percebe-se que a análise fenomenológico-transcendental se situa em um nível posterior à psicológica. Isso ocorre porque, enquanto a psicologia trata dos fenômenos mundanos ingenuamente, sem questionar previamente seu sentido de ser, a filosofia fenomenológica busca investigar:

[...] ao mundo objetivo, que é para mim, que para mim era e há-de ser, o único que para mim pode ser, com todos os seus objetos, ganha a partir de mim próprio, digo eu, com o sentido e validade de ser que tem cada vez para mim, a partir de mim enquanto aquele eu transcendental que entra em cena, por vez primeira, precisamente com a *epoché* transcendental-fenomenológica. (HUSSERL, 2024, p.92).

Disto, confronta-se o objeto da psicologia fenomenológica com o da psicologia naturalista, que trata do “eu” empírico, espaço-temporalmente situado tal qual qualquer “coisa” no mundo, e o da fenomenologia transcendental que busca ser a filosofia primeira, mostrando como se constitui algo com validade de ser, portanto, anterior a qualquer ciência positiva, que já predispõe dos seus objetos como válidos.

Contudo, para que a psicologia se liberte dos resquícios naturalistas, é preciso que ela seja incorporada à problemática fenomenológica. E, como toda ciência que aspira a sua cientificidade, a psicologia fenomenológica terá de situar seu problema mediante um método. Seguindo esse raciocínio, é preciso um meio de acesso ao puramente anímico para que a descrição das vivências corresponda ao ideal fenomenológico de rigor.

Para incorporar-se num método *a priori*, o “eu puro” da psicologia fenomenológica deve ser um “espectador não-participante da vida de consciência” (HUSSERL, 2022, p.127-128). Desse modo, a psicologia fenomenológica tem como campo de trabalho toda a atividade intencional da consciência e suas sínteses que constituem a experiência pura, seja numa atividade mnésica, volitiva, fantasiosa, etc.,

12 A suspensão de juízos operada pela fenomenologia transcendental é mais universal do que a da psicologia fenomenológica, justamente pelo fato de “[...] a *epoché* fenomenológica, que exige àquele que filosofa o percurso pelas meditações cartesianas purificadas, inibe, porém, a validade de ser do mundo objetivo e, com isso, exclui-o completamente do campo do juízo, excluindo também, assim, a validade de ser dos factos objetivamente apercebidos e também dos fatos da experiência interna.” (HUSSERL, 2024, p.49)

que devem ser submetidas à descrição do investigador. Sobre isso, Husserl nos diz que:

Para a psicologia se abre, aqui, a tarefa universal: investigar sistematicamente as formas típicas das vivências intencionais, suas modificações possíveis, suas sínteses em novas formas, sua composição estrutural a partir de intencionalidades elementares, e, disso decorrente, proceder a um conhecimento descritivo do todo das vivências, da tipologia geral de uma vida da alma. (HUSSERL, 2022, p.90)

De posse dessa prescrição, a investigação psicológica científico-natural converte-se em posterior, sem da psicologia fenomenológica se desvencilhar completamente, já que a psicologia fenomenológica deve ser a responsável por descrever as vivências intencionais sem recorrer a qualquer explicação empírica. Ainda sobre o objeto da psicologia fenomenológica, Husserl o define como sendo:

[...] vivências psíquicas: perceber algo, lembra-se de algo ou pensar em algo, esperar por algo, temer, aspirar, decidir-se por algo e assim por diante. Se este reino dos “fenômenos” se mostrar como campo possível de uma disciplina pura e exclusivamente a ele relacionado, então se torna compreensível sua designação como Psicologia Fenomenológica. (HUSSERL, 2022, p.89)

A novidade, no tocante à psicologia fenomenológica, conforme exposta no *Artigo*, é que pelo tratamento direto das vivências do puramente anímico, Husserl se dará conta que “somente a psicologia fenomenológica é capaz de efetuar a análise intencional no sentido pleno, isto é, uma consideração propriamente constitutiva - na esfera psicológica.” (PORTA, 2013, p.90). Isto porque, como redigiu Heidegger no segundo esboço do *Artigo*, “antes, a estrutura essencial do puramente psíquico é atestada com a intencionalidade das vivências.” (HUSSERL, 2022, p.44).

O objeto da psicologia fenomenológica demonstrará sua riqueza justamente por se situar, a partir das devidas reduções, no campo da problemática intencional do “eu puro” e de suas vivências; embora, claro, a problemática fenomenológica-transcendental seja a de *validação* da experiência, enquanto a psicologia fenomenológica mantém-se demarcada pela limitação de uma subjetividade anímica, localizada no “eu” puro, adstrito aos resquícios da orientação natural. Disto resulta que a investigação filosófica se torna ulterior à psicológica, *i.e.*, “ela [a psicologia fenomenológica] não pode, portanto, fornecer nenhuma premissa à filosofia transcendental.” (HUSSERL, 2022, p.99-100).

Não se trata mais, portanto, de *apenas* contrapor a análise dos fenômenos da consciência operados pela psicologia psicofísica – naturalista – e a fenomenologia, mas de situar a psicologia – enquanto psicologia fenomenológica – no caminho da fenomenologia, ou seja, instituindo-a na problemática intencional.

3.1 O objeto da psicologia fenomenológica no artigo

De extrema importância é, para a psicologia fenomenológica, ao mesmo tempo que estabelece seu método e objeto, distingui-los da: 1) psicologia científico-natural e, 2) fenomenologia transcendental.

Sobre o primeiro, neste momento do *Artigo*, Husserl está interessado em trazer a problemática intencional para a psicologia fenomenológica de modo renovado. A

delimitação da investigação de essências fora realizada por volta de 1903, no primeiro estágio da psicologia enquanto ontologia regional da fenomenologia, sendo vista como uma psicologia eidética (Cf. PORTA, 2013, p.69). Contudo, as vivências da psiquê investigadas no *Artigo* já pressupõem a *epoché* e a redução psicológica¹³. Sabendo que a psicologia científico-natural lida com o psicofísico mundano, espaço-temporal e sujeito às explicações causais do seu funcionamento, o caráter fenomenológico a que a psicologia adere permite que esta adentre no domínio *a priori*.

Trata-se de transformar a problemática da descrição intencional no objeto central da psicologia fenomenológica. Esse tratamento especial, acessado pela redução fenomenológica-psicológica, orienta o investigador às vivências da psiquê que, numa descrição de essências, abdica de qualquer subterfúgio naturalista.

Com base nisso, as atividades volitivas, mnésicas e afins, enquanto fenômenos dados à consciência, tornam-se passíveis de descrição como constituintes do puramente anímico, a partir do “eu” que as intui.

É preciso ressaltar que esta doação do fenômeno à consciência deve dar-se de forma imediata, abdicando de qualquer validação empírica, objetiva no sentido do correlato corriqueiro; assim, Husserl contrapõe o objeto da psicologia fenomenológica de modo definitivo aos eventuais contrassensos da psicologia naturalista.

Dito de outro modo: enquanto a psicologia que Husserl confronta trata da simplificação entre a união do físico-anímico, a psicologia fenomenológica busca afastar-se das explicações que versam sobre causa e efeito e fisiologismo, concentrando-se na descrição das vivências – em suas essências – tal qual se mostram à consciência do investigador.

A problemática fenomenológica a que a psicologia adere, a partir do *Artigo*, modifica seu vínculo com o mundano, o natural. Trata-se, então, não mais das vivências do “eu” meramente empírico, situado em determinado espaço e num momento do tempo, senão das vivências desse “eu” aptas à descrição *a priori*.

O ponto a ser esmiuçado pela psicologia fenomenológica consiste em expor o nexos existente entre as estruturas *a priori* que proporcionam a experiência, a partir do “eu puro”, seguido pela descrição de essências das vivências que configuram uma tipologia intencional.

Entretanto, a psicologia fenomenológica, dotada do caráter de investigação *eidética* do puramente anímico, situa-se como sendo uma via de acesso à fenomenologia transcendental. Ela assim pode ser lida porque, quando efetuadas as devidas reduções que conduzem o investigador à questão transcendental – abandonando o resquício da subjetividade mundana –, este poderá, seguindo esta *via*, partir para a análise da constituição de validade do *Ego*-mundo, enquanto fluxo de vivências, adentrando no âmbito fenomenológico transcendental e retraduzindo os ganhos obtidos na investigação psicológica-fenomenológica (Cf. PORTA, 2013, p.77).

A reforma da psicologia, como psicologia fenomenológica no *Artigo*, também surge como uma superação definitiva do psicologismo transcendental. Isto, pois, o psicologismo – que, como vimos, Husserl afirma ter iniciado já em Locke – extrai suas forças da descoberta da atividade imanente da consciência enquanto realidade do mundo. A confusão surge daí porque, sendo válido que há um núcleo de verdade no

13 Iremos discutir mais detalhadamente sobre o método próprio da psicologia fenomenológica contraposto ao da fenomenologia transcendental no próximo tópico.

psicologismo (Cf. HUSSERL, 2022, p.97), este incorre em erro quando os filósofos que trataram da experiência interna ignoraram o campo da subjetividade transcendental – não estabelecendo a diferença entre ato intencional da consciência e a validade de ser do mundo enquanto correlato noemático do *Ego* transcendental.

Superada essa confusão, a partir da descrição dos dados imanentes da experiência, a psicologia adquire seu direito de ser não apenas a ciência rigorosa que trata das vivências da psiquê, mas também pode operar como uma via de acesso à fenomenologia transcendental, *i.e.*, como propedêutica “de acesso à legítima filosofia.” (HUSSERL, 2022, p.97).

Contudo, apesar de incorporar a problemática intencional, a psicologia fenomenológica não pode, por princípio, investigar o *eidós* do *Ego*-mundo em sua constituição de validade; este tema pertence à fenomenologia transcendental. Enquanto o psicólogo-fenomenológico que, na busca de essências das suas vivências, aplica o método *a priori* à investigação, tratando dos fenômenos doados à consciência enquanto passíveis de descrição sem os pressupor como um dado absoluto, permanece afastado da questão que concerne, realmente, ao âmbito transcendental. Husserl é claro quando diz que, para a análise fenomenológica transcendental, o “ser do mundo não poderá mais ser, para nós, um facto óbvio, mas apenas um problema de validade.” (HUSSERL, 2024, p.29).

4 O MÉTODO DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NO ARTIGO

Para que a análise psicológica-fenomenológica tenha êxito, Husserl nota a necessidade de incorporar a problemática intencional em seu núcleo de investigação. Surge, assim, a exigência do desenvolvimento de um método próprio de acesso ao puramente anímico. Tem-se que, devido à “descoberta” da redução que concerne propriamente à psicologia fenomenológica, em meados da década de 1920, Husserl é levado a estabelecer o campo próprio da psicologia fenomenológica – em contraste com o da fenomenologia transcendental – de tal modo que, evitando a subjetividade transcendental que é tema exclusivo da fenomenologia enquanto filosofia, permite retraduzir os ganhos obtidos pela psicologia fenomenológica na investigação fenomenológica transcendental ulterior.

Justamente por isso, as reduções terão o papel essencial de transformar a psicologia fenomenológica numa análise de essências das vivências do puramente anímico; posteriormente, tais vivências poderão ser incorporadas e fundamentadas pela fenomenologia transcendental. Isto levará a psicologia fenomenológica a se situar “como estando a um passo na direção da fenomenologia transcendental.” (PORTA, 2013, pp.109-110).

Temos de fixar, desde logo, que o caráter eidético da psicologia fenomenológica, conforme exposta no *Artigo*, irá diferir daquele proposto por Husserl referente à fenomenologia transcendental em sentido estrito; pois, as vivências do psicólogo-fenomenológico são aquelas oriundas do “eu” mundano que aceita o sentido de ser enquanto previamente dado na atitude natural.

A investigação de essências deve ser vista como aquela descrição capaz de capturar o “imutável” que possa ser fixado, numa espécie de tipologia, de modo objetivo. A partir disso, o psicólogo-fenomenológico, já inserido numa comunidade intersubjetiva que partilha do mesmo solo mundano capaz de doar sentido aos fenômenos, visa apenas o essencial de suas vivências, o invariante que permite a fixação de conceitos aptos a serem partilhados mediante reflexões acerca daquele

conteúdo intencional para uma abordagem de rigor. Sobre a importância da descrição de essências efetuada pela psicologia fenomenológica, Husserl é categórico quando afirma que “a psicologia puramente fenomenológica é, portanto, desde o início já eidética: ela é a ciência geral e não poderia pretender ser nada distinto disto. (HUSSERL, 2022, p.226).

Esse vínculo descritivo dos conteúdos intencionais e suas essências, que envolve psicologia e filosofia fenomenológica, leva Husserl a diferir entre ambas acerca do caráter primordial que pertence a cada uma: a psicologia fenomenológica deve investigar as vivências do puramente anímico situado num mundo cuja validade de ser é previamente dada; enquanto a fenomenologia transcendental se dedica a investigação da constituição e validação *deste* sentido de ser mundano. Husserl aponta que um dos problemas da psicologia como ciência empírica reside em seu “desconhecimento” do caráter apriorístico das vivências, o que a mantém numa atitude que limita o acesso à sua verdadeira temática. Para ele, a psicologia só pode ultrapassar esse impasse ao ser reconhecida como uma extensão do estudo da intencionalidade, em diálogo com a fenomenologia transcendental. Nesse sentido, ela não apenas se torna uma ciência filosoficamente fundamentada, mas também estabelece um rigor conceitual para a psicologia científica, ao mesmo tempo em que abre caminho para a análise da relação imanente-transcendente, descrevendo essências sem se restringir ao dado empírico. É pelo reconhecimento de que a psicologia fenomenológica atua como o campo de esclarecimento da problemática intencional que a transformação do conceito de psicologia ocorre, mediante a adoção do método da fenomenologia transcendental. A esse respeito, Husserl afirma:

[...] Simultânea a esta fenomenologia filosófica, mas inicialmente dela não divorciada, surgiu uma nova disciplina psicológica, a ela paralela do ponto de vista do método e do conteúdo: a psicologia a priori pura ou “psicologia fenomenológica”, que, com seu caráter reformador, reivindica ser o fundamento metódico e principal unicamente sobre o qual uma psicologia empírica rigorosa pode ser fundada. (HUSSERL, 2022, p.87)

Trata-se, então, de tornar a investigação psicológica válida do ponto de vista de uma ciência *apriorística*. E, sendo a fenomenologia a verdadeira ciência tanto transcendental quanto *a priori*, a pureza das vivências anímicas do “eu” permite que o investigador abarque a temática *a priori* mediante os elementos metodológicos adaptados da fenomenologia na sua recusa contra o empírico; contudo, o *a priori* da fenomenologia transcendental não pode ser o mesmo que o da psicologia fenomenológica justamente pelo seu vínculo com o natural.

A partir disso, e estabelecendo o paralelo necessário em relação à fenomenologia transcendental, a psicologia fenomenológica pode preceder e ser autônoma da psicologia científica. Sobre esta distinção do *a priori* nas palavras de Husserl:

Entretanto, o *a priori* fenomenológico não é o *a priori* completo da psicologia, na medida em que o psicofísico enquanto tal possui seu próprio *a priori*. Mas é claro que este último *a priori* pressupõe o *a priori* da psicologia puramente fenomenológica, assim como, por outro lado, pressupõe o *a priori* puro da natureza física (e especialmente orgânica) em geral. (HUSSERL, 2022, p. 95).

A psicologia fenomenológica adquire a função, desde logo, de ser a responsável pela descrição do puramente anímico. Isso autoriza que a investigação psicológica-fenomenológica seja a base da investigação psicológico-científica, orientando-a para situar-se contra um viés científico-natural que lhe caracteriza desde a sua base conceitual.

Trata-se, portanto, de limitar a psicologia fenomenológica enquanto ponto de partida que advém da orientação natural. Sobre isso, a pureza das vivências tratadas pela psicologia fenomenológica em nada pode contribuir para a investigação da fenomenologia transcendental. A reforma à qual a psicologia é submetida, enquanto uma ontologia regional da fenomenologia, tem como enfoque a descrição das essências das vivências de modo *a priori* adstrito ao âmbito natural. Ou seja, para que o investigador ultrapasse a ingenuidade científica – própria da psicologia – e trate da validade de ser do mundo enquanto correlato *noemático* do *Ego*, é necessário que a questão transcendental se torne latente e, para isso, que adentre no território da filosofia fenomenológica. Vejamos essa distinção nas palavras de Husserl:

O psicólogo, mesmo como fenomenólogo eidético, é transcendentalmente ingênuo; ele toma as possíveis “almas” (sujeitos-Eu) inteiramente de acordo com o sentido relativo da palavra, pura e simplesmente como almas de seres humanos e animais considerados disponíveis aí em um mundo espacial possível. [...] O âmbito dessa questionabilidade é todo o âmbito da ingenuidade transcendental, abrangendo, assim, todo mundo possível como aquele que se reivindica pura e simplesmente na atitude natural. De acordo com isso, todas as ciências positivas devem ser transcendentalmente submetidas a uma epoché, assim como todos os seus domínios de objetos. (Husserl, 2022, p.101 -102)

É preciso notar que o incremento da redução fenomenológica-psicológica visa não apenas à eliminação de quaisquer resquícios psicologistas, como a fundamentação mesma da psicologia fenomenológica enquanto a ciência da vida anímica no geral. Só assim o psicólogo científico-natural poderá encontrar uma base firme para sua investigação, devendo regressar à psicologia fenomenológica em busca da explicação *a priori* do fluxo de vivências intencionais da consciência – sem qualquer relação com o empírico.

Esta redução própria da psicologia – que não é transcendental – visa resguardar as vivências em suas purezas que, mesmo partindo do “eu” natural, poderá concentrar seu método na descrição de acordo com os seus aparecimentos em sua pureza anímica. Sobre a redução fenomenológica-psicológica, Husserl diz que:

A elaboração da ideia de uma psicologia fenomenologicamente pura provou a possibilidade de revelar, em uma redução fenomenológica consistente, o essencialmente próprio dos sujeitos conscientes em generalidade eidética segundo suas formas possíveis. [...] A redução fenomenológica, como redução psicológica, serve apenas para conquistar o psíquico das realidades animais em sua essencialidade puramente própria e seus nexos essenciais puramente próprios. (HUSSERL, 2022, p. 100)

A redução psicológica conquista o puramente anímico para que o investigador tome as essências de suas vivências, *a priori*, com o olhar orientado à coisa mesma, após a suspensão de qualquer juízo que possa determinar a descrição de antemão.

Uma *epoché* conseqüente torna-se necessária para estabelecer a psicologia fenomenológica enquanto dotada da problemática intencional. Sobre a importância da suspensão e redução psicológica-fenomenológica, Husserl nos diz que:

É necessário um método especial de acesso ao campo puramente fenomenológico. Esse método da “redução fenomenológica” é, portanto, o método fundamental da psicologia pura; é o pressuposto de todos os seus métodos teóricos específicos. Em última análise, toda dificuldade se baseia na forma como a auto experiência dos psicólogos já está entrelaçada em toda parte com a experiência externa do real extra psíquico. [...] Faz-se necessário, assim, uma conseqüente *epoché* por parte do fenomenólogo, se ele quiser explorar sua consciência como puro fenômeno, de modo singular, mas também de todo de vida pura. (HUSSERL, 2022, p. 91)

Tendo em posse as suas vivências de modo puro, descrevendo-as sem prejuízos, o psicólogo-fenomenológico, enquanto investigador de essências, ao efetuar a redução eidética, terá posse, então, do arsenal metodológico para preceder a investigação científico-natural e que também poderá conduzi-lo à problemática fenomenológica-transcendental ulterior.

[...] Se a redução fenomenológica proporcionou o acesso aos “fenômenos” da experiência efetiva e posteriormente também aos da experiência interna possível, então o método nela fundado da “redução eidética” proporciona o acesso às formas essenciais invariantes da esfera total do puramente anímico. (HUSSERL, 2022, p. 94)

Uma síntese do que foi exposto é dita por Goto, Holanda e Costa:

A psicologia como uma ciência a priori e eidética significa que a psicologia, em sentido pleno, deve ser fundada como uma ciência das universalidades (necessidades essenciais) das vivências psíquicas, ou seja, como uma ciência das essências universais do psiquismo, sem as quais seriam inconcebíveis os seres psicológicos. A Psicologia Fenomenológica como ciência eidética deve então se fixar na descrição da essência (pureza) da estrutura psicológica tal como aparece à intuição e à reflexão; isso significa apreender o essencial da “vida anímica”. [...] A nova psicologia proposta por Husserl (1927/1990), em síntese, conduz à reformulação da psicologia empírica e científica como psicologia fenomenológica, porque visa o esclarecimento dos principais conceitos usados na psicologia (consciência, percepção, afetividade, imaginação, fantasia, cognição, etc.) a partir deles mesmos, ou seja, a partir da própria identidade e constituição dos referidos processos psicológicos. (GOTO, HOLANDA e COSTA, 2018, p.51).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos, o esforço na elaboração de uma psicologia fenomenológica, conforme exposto no *Artigo*, pode ser visto como a tentativa de superar o psicologismo, preceder a investigação psicológica científico-natural e encaminhar uma via de acesso à fenomenologia transcendental.

Esta superação consiste em delimitar o âmbito psicológico na descrição de essências das vivências da psiquê de modo *a priori*. Evita-se, assim, qualquer flerte com o psicologismo combatido desde as *Investigações* e seus contrassensos, dentre os quais, a afirmação de que as leis lógicas seriam oriundas de leis psicológicas; ou,

que é o que nos interessa, validar o ser do mundo enquanto derivado das vivências psíquicas.

Aqui surge, desde logo, a importância de separar a psicologia da filosofia fenomenológica, por mais que seus objetos “afluam”. Husserl, ciente desse problema, ressalta que

No entanto, uma psicologia descritiva da consciência, por mais que o seu sentido metodológico autêntico só com a nova fenomenologia tenha desabrochado, não é ainda, ela própria, fenomenologia transcendental, no sentido em que a determinamos enquanto tal através da redução transcendental-fenomenológica. Certamente que a psicologia da consciência faz um paralelo nítido com a fenomenologia transcendental da consciência, mas ambas devem, mesmo assim, ser estritamente apartadas, ao passo que a sua mescla caracterizará o psicologismo transcendental, que torna impossível a filosofia em sentido autêntico.” (HUSSERL, 2024, p.98)

Esse eventual deslize psicologista é desviado porque a análise psicológica-fenomenológica descreve os fenômenos em sua pureza – eidética – dados à psiquê, sem atribuir validade de ser; e, embora a análise fenomenológica-transcendental constitua exatamente essa validade de ser para o *Ego* transcendental enquanto fluxo de vivências, a doação dos fenômenos é “independente” da consciência mesma, seja psicológica ou fenomenológica.

Contudo, tanto quanto o combate ao psicologismo, a psicologia fenomenológica surge como o campo do esclarecimento das vivências do puramente anímico. É nesta delimitação do campo de investigação da psicologia fenomenológica que a psicologia científico-natural pode almejar assegurar suas proposições com rigor em relação ao psicofísico que constitui o homem; enquanto homologue a precedência daquela em relação a esta.

O último ponto foi esclarecer, a partir da incorporação do método fenomenológico à psicologia, os pontos convergentes e divergentes em relação à fenomenologia transcendental.

A psicologia fenomenológica, mesmo abarcando a problemática fenomenológica – pois trata de descrever os fenômenos doados à consciência intencional –, não pode fornecer premissas à fenomenologia transcendental pela simples razão de se manter vinculada ao mundano-natural, ao “eu” que vivencia experiências ingenuamente, dotadas de um sentido prévio, sem a validação das experiências mediante uma análise – constitutiva – transcendental.

Por continuar na orientação natural, a investigação fenomenológica-transcendental torna-se ulterior à psicológica-fenomenológica; a constituição de sentido mediante a validade de ser dos fenômenos é realizada por ela ao abdicar de toda e qualquer teoria, inclusive da psicológica-fenomenológica. Husserl é claro em relação a isso quando afirma que “a subjetividade da consciência [psicológica], que, enquanto subjetividade anímica, é o seu tema, não pode ser aquela subjetividade para a qual regressamos no perguntar transcendental.” (HUSSERL, 2024, p.101). A atitude fenomenológica-transcendental requer uma radicalidade tamanha, em vista do seu objetivo final, que a separação entre psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental precisa ser exposta tanto na questão do objeto quanto do método, tendo em vista que a psicologia fenomenológica exposta no *Artigo* não abarca em si

a redução transcendental, a etapa definitiva para a investigação fenomenológica, puramente filosófica. Sobre esse ponto, Husserl diz que

De acordo com isso, todas as ciências positivas devem ser transcendentalmente submetidas a uma *epoché*, assim como todos os seus domínios de objetos; logo, também a psicologia e o todo do psíquico no sentido da psicologia. Seria, portanto, um círculo transcendental basear a resposta à questão transcendental na psicologia, seja ela empírica ou fenomenológico-eidética. A subjetividade e a consciência – aqui estamos diante da ambiguidade paradoxal –, à qual a questão transcendental recorre, não pode, portanto, ser efetivamente aquela subjetividade e consciência da qual a psicologia se ocupa. (HUSSERL, 2022, p.102)

Embora a redução fenomenológica-psicológica seja responsável por orientar o investigador à descrição dos fenômenos doados à consciência, enquanto vivências do “eu” inscrito num mundo cultural de significado, crença, valores, etc., a *epoché* e a redução eidética próprias da psicologia elevam-na à descrição desses fenômenos em sua pureza, numa atitude reflexiva; em contrapartida, a subjetividade fenomenológica-transcendental requer o acesso à constituição da validade de ser – mediante a análise de essências – do correlato *Ego*-mundo. Vejamos essa primeira definição nas palavras de Husserl:

A subjetividade anímica, o “eu” e o “nós” concretos considerados no discurso cotidiano, é experienciada em sua especificidade psíquica pura através do método da redução fenomenológico-psicológica. Na modificação eidética, ela cria a base para a psicologia puramente fenomenológica. A subjetividade transcendental que é indagada no problema transcendental, e que é nele pressuposta como base ontológica, não é outra que, novamente, “eu mesmo” e “nós mesmos”, mas não como nos encontramos na atitude natural da vida cotidiana e das ciências positivas, apercebidas como componentes do mundo objetivo que está disponível aí para nós, mas, antes, como sujeito da vida de consciência na qual essa e toda coisa que está disponível aí – para “nós” – se “faz” por meio de certas apercepções. Como seres humanos disponíveis aí no mundo tanto anímica quanto corporalmente, nós somos “para nós”; somos o aparecimento de uma vida intencional muito diversificada, a “nossa” vida, na qual isso que está disponível aí aperceptivamente se faz “para nós” com todo o seu teor de sentido. O eu e o nós que está disponível aí (apercebido) pressupõe um eu e um nós (que apercebe) para o qual ele está disponível aí, mas que não está ele próprio mais uma vez disponível aí no mesmo sentido. Temos acesso direto a essa subjetividade transcendental através de uma experiência transcendental. Assim como a experiência anímica requer um método redutivo para alcançar a pureza, também a experiência transcendental o requer. (HUSSERL, 2022, p.102-103)

A própria redução exclusiva da filosofia fenomenológica nesse contexto – a redução transcendental – eleva o “eu” psicológico, preso aos resquícios do mundo natural, à atitude transcendental por excelência; esta “purifica” a visão natural do “eu” psicológico ao retraduzir os ganhos psicológicos-fenomenológicos em termos fenomenológicos-transcendentais.

Queremos proceder aqui de modo a introduzir a “redução transcendental” como um nível acima da redução psicológica, como uma purificação ulterior que pode ser realizada a qualquer momento, e novamente através de uma

certa epoché. Esta é uma mera consequência da epoché universal, que pertence ao sentido da questão transcendental. [...] Assim, enquanto o psicólogo, no interior do mundo que para ele é válido, reduz a subjetividade aqui em questão à subjetividade puramente anímica – no mundo –, o fenomenólogo transcendental, por meio da sua epoché absolutamente universal, reduz esta subjetividade psicologicamente pura à subjetividade transcendentalmente pura, àquela que realiza e põe como válida em si mesma a apercepção do mundo e, nela, a apercepção objetivante de “almas de realidades animais”. (HUSSERL, 2022, p.103)

Tendo em vista eventuais críticas, Husserl trata de frisar que não há um “duplo-eu” vivendo psicológico e transcendentalmente, senão apenas uma *mudança na orientação do olhar* que visa descrever a experiência em sua pureza essencial ou descrever a doação de sentido que os fenômenos, de modo evidente, são dados à consciência intencional.

Meu Eu transcendental é, portanto, evidentemente “distinto” do Eu natural; mas de forma alguma como um segundo, como dele separado no sentido natural da palavra; assim como, inversamente, também não é de forma alguma a ele vinculado ou entrelaçado no sentido natural. É precisamente o campo da autoexperiência transcendental (concebido em plena concretização), que pode a qualquer momento ser convertido em autoexperiência psicológica através de uma simples mudança de atitude. (HUSSERL, grifo nosso, 2022, p.104)

Assim, se estabelece uma das etapas finais da relação entre psicologia e fenomenologia ao longo do pensamento husserliano. E, tendo em vista o projeto teleológico que engloba a fenomenologia transcendental, aceitamos a tese de que o conceito de “psicologia fenomenológica” conforme exposto no *Artigo da Enciclopédia Britânica*, representa o *esboço* final, que será apresentado definitivamente em *Crise*, da relação entre psicologia e filosofia fenomenológica; bem como suas confluências e divergências, e, não menos importante, o papel da psicologia fenomenológica enquanto desvinculada dos resquícios psicologistas a partir de um nexos direto com a fenomenologia transcendental, ainda que apresentem diferenças essenciais, como vimos ao longo deste escrito.

REFERÊNCIAS

BRENTANO, Franz. **Psychology from an Empirical Standpoint**. London: Routledge, 2014.

CANGUILHEM, Georges. **O que é a psicologia?** In: CANGUILHEM, Georges. *Estudos de História e de Filosofia das Ciências*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 401-418.

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

DILTHEY, Wilhelm. **Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica**. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

FERRAZ, Marcus Sacrini Ayres. **A cientificidade na fenomenologia de Husserl**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

GOTO, T. **Introdução à Psicologia Fenomenológica**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2015.

GOTO, Tommy Akira; HOLANDA, Adriano Furtado; COSTA, Ileno Izidio da. **Fenomenologia transcendental e a psicologia fenomenológica de Edmund Husserl**. Rev. NUFEN, Belém, v. 10, n. 3, p. 38-54, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912018000300004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jan. 2025. <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n03artigo35>.

HILL, Claire O. **Word and Object in Husserl, Frege, and Russell**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

HUSSERL, Edmund. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental**. 1. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2013.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund. **Investigaciones Lógicas**. 1º tomo, 2. ed. Madri: Alianza Editorial, 1985.

HUSSERL, Edmund. **Investigaciones Lógicas**. 2º tomo, 2. ed. Madri: Alianza Editorial, 1985.

HUSSERL, Edmund. **La Filosofía Como Ciencia Estricta**. 1. ed. Madri: Prometeu, 2014.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas Precedido de Conferências de Paris**. 1. ed. Lisboa: Editora 70, 2024.

HUSSERL, Edmund. **Psicologia Fenomenológica e Fenomenologia Transcendental**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

HUSSERL, Edmund; BRAGA, João O. **A psicologia fenomenológica como anunciada por Edmund Husserl**. Phenomenology, Humanities and Sciences, v. 4, n. 3, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.62506/phs.v4i3.215>. Acesso em: 28 dez. 2024.

KERN, Iso. **Los tres caminos a la reducción fenomenológica trascendental en la filosofía de Edmund Husserl**. In: SERRANO DE HARO, Agustín (ed.). La posibilidad de la fenomenología. Madrid: Editorial Complutense, 1997. p. 259-294.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Cartesianismo e fenomenologia: exame de paternidade**. Analytica, v. 3, n. 1, p. 195-218, 1998. Tradução. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Moura_CAR_4_987338_CartesianismoEFenomenologia.pdf. Acesso em: 30 dez. 2024.

PORTA, M. **Edmund Husserl: Psicologismo, Psicologia e Fenomenologia**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

SANTOS, José Henrique. **Do empirismo à fenomenologia: a crítica do psicologismo nas "Investigações lógicas" de Husserl**. São Paulo: Loyola, 2010.

XIRAU, Joaquim. **La Filosofía de Husserl: Una Introducción a la Fenomenología**. Buenos Aires: Losada, 1941.

ZAHAVI, Dan. **A Fenomenologia de Husserl**. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grato ao meu orientador, prof. Sandro Sena, por suas aulas inspiradoras, pelas orientações atenciosas e pelas conversas sempre ricas, que fortaleceram minha paixão pela filosofia, em especial à fenomenologia. Ao prof. Thiago Aquino, agradeço pela disposição em esclarecer minhas questões filosóficas em suas aulas sempre cativantes e por ter aberto meu caminho na pesquisa acadêmica através da orientação no PIBIC. Ao prof. Eduardo Nasser, sou grato pela excelência na condução das disciplinas e pelas valiosas conversas antes das aulas.

Não posso esquecer do apoio dos colegas Nilson Adriano, Maria Betânia, Beatriz Moura e Luís Guilherme Joca que, nessa jornada laboriosa, mas sempre recompensadora, a amizade torna tudo mais fácil.

Gratifico o diálogo que estabeleci com os membros do Círculo De Estudos Husserlianos (CEH) da UFMA, que nos encontramos semanais em que dispomos a ler e comentar obras de E. Husserl, tanto me ajudou a clarificar problemas encontrados ao longo da pesquisa.

Por fim, e não menos importante, agradeço a Marcelle Farfan pelo apoio fundamental em tudo que faço.